

# A Pragmática Cultural de Jeffrey Alexander entre a dramaturgia e a performance

## Jeffrey Alexander's Cultural Pragmatics between dramaturgy and performance

Pedro Callari Trivino Moisés<sup>1</sup>

ALEXANDER, Jeffrey. **The Drama of Social Life**. Malden, MA: Polity Press, 2017. 180 p.

Os rituais, afirma Jeffrey C. Alexander (2004, p. 527), são um evento cultural que marcam substancialmente as primeiras formas de organização humana. Seria a partir desses episódios de interação social que os vínculos entre os indivíduos do grupo e suas crenças se revitalizariam. Já no decurso da modernidade, os rituais perderam sua relevância. A derrocada dessa centralidade teria levado alguns teóricos, em especial aqueles influenciados pela tese do triunfo da ação racional de Max Weber, a afirmar que a existência de rituais se tornou impossível no mundo moderno.

Alexander discorda desta visão. Ele defende – não só aqui, mas dentro de todo o projeto da sociologia cultural (Alexander, Smith, 2003) – que a modernidade ainda é repleta de símbolos e mitos, de valores e de normas, de rituais e de performances; em uma palavra, ela ainda é perpassada por sentido [*meaning*] (p.2). Os processos de racionalização não se deram por completo, mantendo toda uma complexa estrutura cultural que compele os indivíduos mesmo sem eles perceberem conscientemente (Alexander, 2003). É verdade, afinal, que a existência dos rituais se tornou mais esparsa na sociedade moderna, considerando a fragmentação e o conflito entre diferentes visões de mundo; mas fato é que eles continuam a existir e assumir um posto deveras importante. Ora, se a sociedade moderna se mostra fragmentada e conflituosa (ou, nos termos de Alexander “des-fusionada” [*de-fused*]), o ritual é justamente a possibilidade “re-fusionar” [*re-fuse*] os elementos da vida social.

Para abordar teoricamente os rituais nas sociedades modernas, Alexander desenvolveu a pragmática cultural [*cultural pragmatics*]. Os rituais são um tipo

específico de performance social, aquela bem-sucedida e que conseguiu fusionar atores, audiência e roteiro (p. 3-4). Sendo assim, a pragmática cultural tem como objeto as performances sociais como um todo, tanto aquelas convincentes e eficazes (mais próximas aos rituais) quanto as artificiais e forçadas (mais distante dos rituais). Essa teoria foi inicialmente desenvolvida no artigo *Cultural Pragmatics: Social Performance between Ritual and Strategy* (Alexander, 2004) e depois reelaborada nos livros *Social Performance: Symbolic Actions, Cultural Pragmatics, and Ritual* (Alexander, Giesen, Mast, 2006), *Performance and Power* (Alexander, 2011) e, finalmente, em *The Drama of Social Life*.

O livro em questão nada mais é do que mais um desenvolvimento dessa teoria, um esforço para aprimorar o modelo da pragmática cultural. *The Drama of Social Life* é organizado a partir de uma coletânea de artigos, todos adaptados de versões já publicadas anteriormente. Este formato não é novo. *Performance and Power* (2011), outro livro que aborda a pragmática cultural, segue este mesmo modelo. Neste outro livro, há um total de onze capítulos, sendo dois deles inéditos, e divididos em três seções: *A Cultural Theory of Social Performance, Political Power and Performance* e *Cultural Power and Performance*. Se a complexa e nem sempre tão clara relação entre cultura e poder é o fio condutor desse primeiro livro, o argumento que norteia o conjunto de textos de *The Drama of Social Life* é que elementos teatrais e dramáticos estão significativamente presentes nas performances sociais. Assim, as ferramentas providas pela dramaturgia, pela teoria do drama e pela crítica teatral são fundamentais para o desenvolvimento da pragmática cultural (p. 3).

*The Drama of Social Life* é dividido em cinco capítulos independentes, acompanhados por uma introdução inédita. O primeiro capítulo, *Seizing the*

<sup>1</sup> Mestrando em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e pesquisador do Núcleo de Estudos de Violência (NEV) e bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n. 2021/ 06778-0.

*Stage: Mao, MLK, and Black Lives Matter Today*<sup>2</sup>, se debruça sobre três movimentos sociais, a saber, os movimentos revolucionários da China, os protestos por direitos civis nos Estados Unidos e o atual movimento “vidas negras importam”. A partir destes três estudos de caso, Alexander demonstra como as manifestações precisaram penetrar no imaginário coletivo para, depois, conquistarem o poder capaz de reivindicar a realização de suas demandas. Para que essa penetração pudesse ocorrer, foi necessário que esses movimentos apresentassem suas narrativas, isto é, exibissem um drama no palco da vida social de modo efetivo e convincente. Com base nesses casos, percebe-se como a fusão entre atores, roteiro e público só pode ocorrer se o drama exibido for dirigido por agentes com talento dramático capazes de realizar o convencimento da audiência: o partido comunista chinês projetou efetivamente Mao para as massas como um “salvador heroico” (p. 38); Martin Luther King e seus companheiros eram “gênios performativos” (p. 38) capazes de mobilizar não só os negros como também os brancos; e os organizadores do movimento *Black Lives Matter*, mesmo operando enquanto “dramaturgos invisíveis” (p. 32), conseguiram projetar narrativas efetivas a partir de uma miríade de performances tanto físicas quanto digitais.

O segundo capítulo, *Revolutionary Performance in Egypt: The 2011 Uprising*<sup>3</sup>, aborda o processo revolucionário do Egito de 2011, na chamada “primavera árabe”. Ele acompanha as mobilizações, repercussões e eventos entre os dias 28 de janeiro e 11 de fevereiro, focalizando no como foi possível ocorrer tal revolução. O capítulo enfatiza que não se trata de um movimento motivado apenas por questões materiais, tais quais fome, desemprego e miséria, mas principalmente movido por ideais, esperanças e solidariedade (p. 41). Para que pudessem triunfar, os manifestantes tiveram que mobilizar uma representação social oposta à do regime, representado a si (e seus ideais) como sagrados e o regime (e o que ele simbolizava) como profano (p. 46). É a partir dessa tensão moral entre as classificações

apresentadas pelo regime de Mubarak, de um lado, e pelos revolucionários, de outro, que os diretores do movimento puderam organizar a performance (p. 57). Como em um drama teatral, os diretores precisavam organizar um roteiro, preparar a *mise-en-scène* e selecionar um palco (no caso, a praça Tahrir<sup>4</sup>, em Cairo).

Todavia, Alexander aponta uma diferença fundamental entre o drama teatral e o drama social; ora, se os dramas teatrais tem um encadeamento claro e um final *a priori* já definido, os dramas sociais são contingentes e seus fins são indeterminados (p. 60). No caso, isso se mostrou empiricamente verídico haja vista as incessantes tentativas contra-perfomáticas do regime de Mubarak de retomar o controle da situação. Foi nessa seara que o braço repressivo do Estado emergiu em cena, na tentativa de vincular as ideias de “caos” e de “anarquia” nos manifestantes (p. 68). Mas as ações do ditador não tinham mais nenhuma força performática e a violência contra os manifestantes acabou apenas atiçando os protestos. Estes, por sua vez, contavam cada vez mais com apoios internacionais, pois as tecnologias digitais contemporâneas ofereciam um meio de produção simbólica potente para que as narrativas revolucionárias pudessem emergir em países democráticos (p. 80). Esse apoio internacional foi decisivo para que Mubarak abdicasse e que a performance revolucionária fosse triunfante.

A performance política das eleições presidenciais norte-americanas de 2012 é a temática de *Political Performance in the US: Obama's 2012 re-election*<sup>5</sup>, o terceiro capítulo do livro. A democracia, para a pragmática cultural, é entendida não como um espaço de deliberação racional, mas sim como uma esfera movida por emoções e moralidades (p. 91). Os eleitores – nomeados pelo autor de cidadãos-audiência – não decidem seus votos a partir de cálculos; na verdade, essas decisões são tomadas com base nas identificações que estes fazem com os “personagens”, isto é, os candidatos. Visando a reeleição, Barak Obama teve que alterar seu personagem em relação às eleições de

2 Esse capítulo é uma versão adaptada de seu artigo publicado na TDR (*The Drama Review*) em 2017 *Seizing the Stage: Social Performances from Mao Zedong to Martin Luther King Jr., and Black Lives Matter Today*. Há uma tradução para o português da versão apresentada neste artigo (cf. Alexander, 2017).

3 Esse capítulo é uma versão adaptada do livro publicado em 2011 *Performative Revolution in Egypt: An Essay in Cultural Power*.

4 Alexander afirma que os ideais performados pelos revolucionários penetraram neste palco de modo a alterar o seu significado. Ele permaneceu, após todo o processo revolucionário, como uma materialização dos ideais democráticos e da luta contra o regime de Mubarak.

5 Esse capítulo é uma versão adaptada de seu artigo publicado na TDR (*The Drama Review*) em 2016 *Performance and Politics: President Obama's Dramatic Reelection in 2012*.

2008, pois a sua imagem anterior, um herói prometendo a salvação, foi destruída ao longo de seu governo, em que a crise econômica ainda não tinha sido superada (p. 93). Nos primeiros debates, Obama se apresentou como o “último homem racional” (p. 95). Todavia, esta apresentação não foi bem-sucedida, fazendo sua popularidade cair. Mas o drama eleitoral ainda não tinha acabado. Obama conseguiu projetar seu adversário, Romney, como um mentiroso. Se não foi se apresentando como um herói, foi mostrando seu antagonista como vilão que Obama conquistou a tão almejada reeleição.

Já no quarto capítulo, *Dramatic Intellectuals*<sup>6</sup>, o autor descreve um tipo específico de intelectual: o performático. Tratam-se dos teóricos cujas ideias produziram um grande efeito não apenas no meio acadêmico como principalmente nos atores da cena social. Alexander se debruça nos casos de Marx, Freud, Keynes, Sartre, Ayn Rand e Frantz Fanon, autores que oferecem uma compreensão dos tempos sombrios de modo que estes possam ser superados; em uma palavra, eles oferecem salvação. Importante frisar que, para se tornarem performáticos, os autores não dependem apenas de que suas ideias sejam produtoras de significado [*meaning-makers*], mas também de que uma vasta audiência se engaje profundamente com elas. A partir da dramaturgização, os textos se tornam roteiros a serem lidos e performados, os autores viram ícones carismáticos e a audiência (ou pelo menos parte dela) recebe a motivação para participar de movimentos sociais e construir novas instituições (p. 106-7). Nessa compreensão, o poder dos intelectuais não está nas suas teorias científicas, mas na possibilidade de prover sentido para o mundo social.

O último capítulo, *Social Theory and the Theatrical Avant-Garde*<sup>7</sup>, faz uma análise teórica e histórica sobre a emergência de novas práticas teatrais no processo de des-fusão das sociedades. O argumento principal é que ao longo da história os elementos das performances, tanto teatrais quanto sociais, se tornaram separados e especializados. Todavia, as diversas vanguardas dramáticas buscaram resistir a esta des-fusão e, para tanto, produziram inovações nos elementos das performances (p. 126). Para observar esse processo,

o texto aponta para as variações dramáticas que se apresentaram ao longo da história. No caso, dada a simetria entre os dramas sociais e teatrais, o autor analisa as principais viradas dentro do teatro ocidental, tais como a consolidação da independência da audiência, o aparecimento de produtores e diretores autônomos, o surgimento de adereços cada vez mais significativos, a introdução de uma nova forma de escrita dos textos por parte dos roteiristas e a mudança na relação do ator com o texto (ao invés de reproduzir as emoções do texto, o ator tem que realmente experimentá-las). O intuito de todas estas inovações foi sempre a busca pela re-fusão dos elementos da performance, a possibilidade de projetar narrativas significativas para um público mais amplo.

Os textos teóricos de Alexander, em que ele formula e conceitualiza as “teorias positivas” ou “teorias da sociedade” (Alexander, 2014, p. 360) dentro da sociologia cultural, podem soar um pouco abstratas. Todavia, seus textos empíricos possuem uma potência impar em elucidar aspectos de sua teoria. Os estudos presentes em cada um dos capítulos deste livro não são diferentes. Mais do que isso, eles complexificam o modelo e oferecem novos elementos para interpretar as performances sociais.

Eles solidificam, por exemplo, o modelo da pragmática cultural como forma de interpretação dos movimentos sociais, entendendo as performances sociais como “a arte do protesto” (capítulos 1 e 2). Também ajudam a elucidar a importância, para além dos atores, das lideranças dramáticas que, mesmo não necessariamente aparecendo no palco, atuam de forma substantiva para a sua re-fusão (capítulos 1, 2 e 5). Eles mostram como as performances são processo, com idas-e-vindas e contra-performances, sem nunca um resultado podendo ser previsto de antemão (capítulos 2 e 3). Estes estudos demonstram como os teóricos e as vanguardas não são apartados dos processos performáticos, mas poderosamente afetados por eles (capítulo 4 e 5). Até no caso do texto mais teórico (capítulo 5), há uma demonstração histórica contundente sobre o avanço das performances teatrais, de modo a lançar luz em como as vanguardas buscaram resistir à des-fusão em vista da projeção das narrativas

6 Esse capítulo é uma versão adaptada de seu artigo publicado na *Internacional Journal of Politics, Culture and Society* em 2016 *Dramatic Intellectuals: Elements of Performance*. Há uma tradução para o português da versão apresentada neste artigo (cf. Alexander, 2019).

7 Esse capítulo é uma versão adaptada de seu artigo publicado na revista *Theory, Culture & Society* em 2014 *The Fate of the Dramatic in Modern Society: Social Theory and the Theatrical Avant-Garde*.

dramáticas. Em suma, esse livro mostra como o drama, seja social ou teatral, é fundamental para a criação e manutenção dos significados coletivos, da identificação do mal e da conquista da justiça social (p. 141).

### Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Jeffrey. **The meaning of social life**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

ALEXANDER, Jeffrey. Cultural Pragmatics: Social Performance between Ritual and Strategy. **Sociological Theory**. v. 22, n. 4, 2004.

ALEXANDER, Jeffrey. **Performance and Power**. Malden, MA: Polity Press, 2011.

ALEXANDER, Jeffrey. Entrevista conduzida por Alexandre Werneck, Antonio Brasil Jr., Cristina Buarque e Marcelo de Oliveira. **Revista Estudos Políticos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, dezembro, 2014.

ALEXANDER, Jeffrey. A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje. **Sociologias [online]**. v. 19, n. 44, 2017.

ALEXANDER, Jeffrey. Intelectuais Dramáticos: Elementos da Performance. **Teoria & Cultura**. v. 14, n. 2, 2019.

ALEXANDER, Jeffrey; GIESEN, Bernhard; e MAST, Jason (eds.). **Social Performance: Symbolic Actions, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ALEXANDER, Jeffrey; SMITH, Philip. The Strong Program in Cultural Sociology: elements of a structural hermeneutics. In: ALEXANDER, Jeffrey. **The meaning of social life**. Oxford: Oxford University Press, 2003.